



**REFLEXÕES DOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÕES DE UMA IDENTIFICAÇÃO  
MÍTICA: ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO EM “MILAGRE EM  
JUAZEIRO”, DE RONALDO CORREIA DE BRITO**

Carlos Eduardo da Silva Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como viés metodológico as relações intersemióticas de fundamento dialético entre literatura e cinema. O foco analítico que enquadramos traz uma análise que consiste em dimensionar o discurso construtivo das relações entre o domínio individual das experiências e o domínio coletivo de tradições, a partir de interligações entre o filme *A festa da menina morta* e o conto “Milagre em Juazeiro”, obra pertencente ao *Livro dos homens*, de Ronaldo Correia Brito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intersemiose; Literatura; Cinema; Ronaldo Correia de Brito; *A festa da menina morta*.

**REFLECTIONS ON THE PROCESSES OF CONSTRUCTING A MYTHICAL  
IDENTIFICATION: BETWEEN THE INDIVIDUAL AND THE COLLECTIVE IN  
"MIRACLE IN JUAZEIRO", BY RONALDO CORREIA DE BRITO**

**ABSTRACT:** This paper has as methodological bias interssemiotic relations between literature and cinema. The analytical focus that we frame brings an analysis that consists in dimensioning the constructive discourse of the relations between the individual domain of the experiences and the collective dominion of traditions from interconnections between the movie *A festa da menina morta* and the story “Milagre em Juazeiro”, a work belonging to the *Livro dos homens*, by Ronaldo Correia Brito.

**KEYWORDS:** Intersemiosis; Literature; Movie theater; Ronaldo Correia de Brito; *A festa da menina morta*.

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras (Grego/Espanhol) pela Unesp-Araraquara. Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa pelo PPG da Unesp-Araraquara. Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp-Araraquara. Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Unicamp-Campinas. Licenciando em Educação matemática e Ciências Naturais pela UNIVESP. E-mail: karloseduardoo@yahoo.com.br



O trabalho intersemiótico na abordagem dos estudos literários (variedades de expressividades na inter-relação com filmes, minisséries, quadros, músicas, jogos de vídeo game etc) tem sido um caminho sugestivo na prática investigativa e pedagógica por estabelecer oportunizações de tramas de fios compostos por maneiras distintas.

Diz o pensamento do Círculo de Bakhtin que o mundo que cerca os sujeitos – que *nos* cerca – está repleto de vozes de outras pessoas. Podemos entender que vozes são palavras, no sentido de ditos “enunciados”, de dizeres ecoados pelas tramas da interação cultural, de formações valorativas marcadas em lugares sociais. As vozes articulam imagens de sujeitos formadas ao longo da história da vida com a ideia de autoria, de enunciador: imagens de *si mesmo* de um sujeito, imagens de si na perspectiva que um sujeito interpreta que seu (s) outro (s) tem (têm) de si, e de imagens que um sujeito tem de seu (s) outro (s). Neste jogo reflexivo e refratário, o que se instaura nos discursos das vivências são estabilizações de um efeito *looping* espiralado de produção de sentidos e de movimentação de identidades/pertencimento.

“Vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura” (BAKHTIN, 2003, p. 347-8). Podemos entender que Bakhtin fala das palavras escritas somente em uma segunda instância, partindo da comunicação oral, e, na escrita, ressoam, de um modo virtual, mas semioticamente perceptível, as vozes de outras pessoas, de opiniões, de posicionamentos individuais e de grupos sociais.

Nossas palavras estão imbricadas na palavra do outro. A produção do conhecimento científico ocorre, de certo, na rede de relações sociais. Portanto, é necessário marcar que, vistos esses entornos, o plano da construção dos discursos científicos é embasado em encontros e confrontos de discursos, autores, leitores, textos, teorias. Formamos, assim, um tecido de vozes, marcado integralmente pelas relações dialógicas e pela alteridade.

Ofertar uma centralidade nas ações de produção de sentidos dos diálogos que as materialidades travam é construir um cenário explicitante do ato de pensar sobre formas de pensamento. A abertura desse espaço ético instaura um espaço formativo para a autonomia



dos sujeitos em que experiências múltiplas se integram a experiências reflexivas sobre manifestações artísticas dos sujeitos, estas permeadas pelos discursos na vida.

“Milagre em Juazeiro” é um conto que pertence à obra *Livro dos homens*, publicado em 2005, sendo o terceiro livro de contos do autor cearense Ronaldo Correia de Brito. De múltiplos sentidos, o próprio título deste livro – que também é o nome de um dos seus contos, o último – já antecipa a abrangência de um sondar cultural dos comportamentos dos homens.

Sobre essa sondagem que se verifica no espaço em discussão cultural do sertão brasileiro, Santini (2011) reflete sobre a ressignificação que o percurso literário dessa matriz regional tem atribuído ao processo não estático das identidades, e é a partir desse pontuar da pesquisadora que encaminharemos nossas discussões:

No início do novo século, os contos do cearense Ronaldo Correia de Brito apresentam um universo sertanejo em que o presente marca com força quase demolidora o espaço e a memória do passado.

(...)

[N]um processo de ressemantização do elemento regional, impondo um olhar em que o dado contemporâneo, reiterado sob diversos aspectos pela modernização tardia e inconclusa do espaço, mescla-se ao arcaico de estruturas e modos de vida cuja memória sustenta-se em tentativas quase sempre frustradas de recuperação da identidade, seja no domínio individual da experiência, seja no domínio coletivo da tradição (SANTINI, 2011, p. 332).

Um trabalho com o misticismo, com os polos entre a cultura popular e tradicional e com uma brutalidade interna do cotidiano dos viventes do sertão constituem o universo das confecções de Ronaldo Correia de Brito, recuperando na narrativa os aspectos da composição regionalista, realizada no decorrer da literatura brasileira, desde finais do século XIX, num contexto diversificado, em que o tradicional coexiste com o atual, novo, contemporâneo. É nessa tensão dramática que ocorre em “Milagre em Juazeiro” que o atuar cético e científico do médico Afonso é posto em discussão, pela crença de sua esposa Maria Antônia, que também é médica, quando ela realiza uma peregrinação a Juazeiro, encontrando vínculos do passado de sua mãe e do estado da atualidade da religião.

O construto dos sujeitos viventes do sertão é construído em “Milagre em Juazeiro” pela imagética dos romeiros, por um construto de uma religiosidade popular nordestina.



Incentivados pela crença, caçam sua história, numa busca identitária de um *uno* pela coletivização. A seguir vemos uma cena que explora a homogeneização do sertanejo castigado pelo ambiente, esperançoso pelo frescor natural da chuva, elemento purificador, de acalanto; acalanto batismal, elemento simbólico de transformação para Antônia, que expõe seu encanto sinestésico, de experiência transcendental.

Cansados e cobertos de poeira, já nem contemplavam as estrelas, escondidas por uma nuvem que se derramou em chuva fina. Obrigados a se proteger, deitavam-se uns sobre os outros. A chuva, mesmo molhando-os e aumentando o frio no turno do sertão, era sempre a mais amada das bênçãos. Bendita sempre, mil vezes bendita, mesmo que causasse estragos. Que dano nenhum era molhar as roupas e o rosto de Antônia, de pé, recebendo os pingos d'água na cabeça, batizando-se romeira, em busca da Terra Santa e de seu povo (BRITO, 2005, p. 74 -75).

A formação de um passado por meio do imaginário popular traz a tradição como elemento de reverberações, reevocadas pela palavra e pela crença de um povo que necessita de um mito de origem, robusto, reflexo para as necessidades de um coletivo.

Nos contos de Ronaldo Correia de Brito, os movimentos das vozes vão desvendando o fio narrativo. Encontramos na voz de Afonso uma não participação (um *não crer*) da tradição, analogamente à voz de Tadeu, do discurso fílmico de *A festa da menina morta*, drama de mesma ambientação e discussão temática que “Milagre em Juazeiro”. Enquanto o reflexo da crença se personifica em Santinho, de *A festa da menina morta*, a religiosidade no conto de Brito é vista por meio da crença que os romeiros têm nos milagres atribuídos ao padre Cícero – figura essa de crença renomada pelos sertanejos, presente também em *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

Temos algumas características que vão tecendo, como construção estética a narrativa de ressignificações de identidades em “Milagre em Juazeiro”: a presença da atemporalidade cerceando passado – presente; sugestiva construção de uma linguagem cinematográfica, exposta pela imagética das cenas narrativas; embates cultura popular e cultura erudita, com a presença de lendas orais; imaginário sertanejo; temática da mulher; conflitos culturais das gerações pelo passar do tempo e a configuração de mundo; o estranhamento do sagrado.

Em relação ao filme *A festa da menina morta* encontramos nele uma gênese formadora da instância do coletivo, mítico-religioso neste caso. Há nesse filme um caminhar



‘desvelador’ de identidades, que se segue da instância do coletivo ao ambiente do particular, em contraposição ao desenrolar em ‘Milagre em Juazeiro’, em que se mostra a busca de uma gênese identitária do particular à coletivização, num crescendo afirmador do coletivo.

No ato artístico, a realidade vivida é transportada para um outro plano axiológico. O ato estético opera sobre o sistema de valores constituídos no plano da realidade, criando novos valores no plano da arte. Aspectos da vida são trazidos para uma “nova” organização e subordinados a uma nova unidade, condensados numa imagem contida e acabada. O ato criativo envolve, portanto, um processo de transposição da vida para a arte.

O Círculo de Bakhtin mostrou preocupação em suas obras com a questão do lugar que o “ouvinte” (leitor/co-enunciador) ocupa em relação ao discurso. Entendemos que “[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”.

Na relação leitor e discurso literário, há a possibilidade de o leitor concordar, discordar do narrador-enunciador (total ou parcialmente), completá-lo, aplicá-lo, e ainda o tomar para usar o discurso literário na vida, uma vez que o mundo da arte e o mundo da vida se imbricam na instância simbólica, que são os jogos de linguagem.

É no acabamento estético dos textos que vamos pontuando nossos passos. Na questão educacional, este é o ensinamento que o trabalho reflexivo que uma obra aberta a debates oferta aos seus participantes: a possibilidade de construções de desdobramentos. É nesse ato de possibilidades de produção de sentidos nos acontecimentos que o professor de literatura pode investir o debate sobre humanização que traz o discurso literário aos sujeitos.

Nessa trilha peregrinativa de busca de sentidos podemos destacar que há uma interligação entre os parceiros da comunicação verbal, para que haja reconhecimentos na expressividade, no texto. As instâncias do “eu” e do “outro” se realizam numa dinamização constitutiva: o “eu” se constrói pelo “outro”, na medida em que o estilo do “eu” é uma marca formada pelo “outro”, já que há uma confluência entre “eu” e “outro” e não um aniquilamento dicotômico-estático entre “eu”-subjetivo e “outro”-coletivo.

Vida e arte se imbricam. A conceituação de discurso na arte para o Círculo de Bakhtin, bem como as ideias de 'autor', 'exotopia' e 'acabamento estético', que são trabalhadas no decorrer das obras, estão articuladas à compreensão de que as práticas culturais são



Revista FACISA *ON-LINE*. Barra do Garças – MT, vol.6, n.2, p. 63- 68, jul. - dez. 2017.

(ISSN 2238-8524)

posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas, responsividade esta que é compreendida como todo ato enunciativo ser resposta a outros enunciados, por meio de motivações sociais (rede dialógico-responsiva). Todo ato cultural se move entre inter-determinações responsivas, isto é, assumindo uma posição valorativa frente a outras posições valorativas.

#### **REFERÊNCIAS:**

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Livro dos homens**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.

SANTINI, Juliana. A palavra que faz o passado: narrativa e tradição na literatura e no cinema brasileiros dos últimos anos. **Rev. Let. & Let.** Uberlândia-MG v.27 n.2 p.331-346 jul.|dez. 2011.